



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

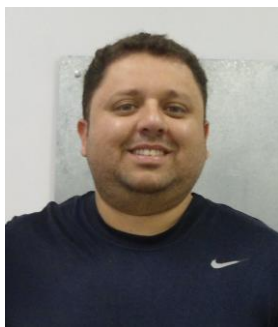
RAFAEL VIEIRA

(Depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-382

Entrevistado: Rafael Vieira

Nascimento: não informado

Local da entrevista: CEME

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 19/12/2013

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 13 minutos e 54 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol; Influências para praticar a modalidade; Diferenças do futebol na época; Percurso inicial na modalidade; Melhores momentos na carreira; Dificuldades da carreira; Experiências até chegar a auxiliar técnico; Destaques do percurso profissional; Participação nos Jogos Olímpicos; Função na comissão técnica; Experiências de participar dos Jogos Olímpicos; Significado da participação nos Jogos Olímpicos; Repercussão da participação nos Jogos; Atuação fora do Estado; Desejo de retornar ao Rio Grande do Sul; Atuação gaúcha nos Jogos Olímpicos; Agradecimentos.

Porto Alegre, 19 de dezembro de 2013. Entrevista com Rafael Vieira cargo das pesquisadoras Natália Bender e Bruna Tomaschewski Perla para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Vamos começar a falar sobre a tua história de vida no esporte. Como foi a tua inserção no esporte? Se já iniciou no futebol, se praticou antes de trabalhar com a modalidade?

R.V. – Eu joguei futebol toda minha vida, desde os sete anos de idade. Joguei no Grêmio¹ até os doze, depois só futsal, até os dezenove anos e fui sempre atleta amador, e joguei na categoria adulto no futsal por uns anos e depois só fiquei como estudante de Educação Física mesmo.

N.B. – E teve alguém que influenciou na tua carreira, algum parente amigo?

R.V. – Meu pai. Meu pai foi jogador de futebol, também amador, e vivi dentro de um estádio de futebol e uma quadra de futsal.

N.B. – Como era situação do futebol quando tu iniciou aqui no Rio Grande do Sul?

R.V. – Era muito diferente. Quando a gente inicia em categoria de base é muito distante daquilo que estamos lidando hoje que é o alto nível, bastante distante, então o futebol eu tinha menos recurso, eu tinha menos visibilidade, hoje o futebol lidera todos os quesitos financeiros, visibilidade, recursos, então era bastante diferente.

N.B. – Dentro da tua carreira então, como tu falou, teve relação com o Grêmio, não é? E mais alguma relação com algum clube ou instituição, escola, universidade que tu considera importante?

R.V. – Bom, depois que eu saí da escola, eu entrei aqui na Universidade direto, eu fui aluno da UFRGS², e cursei o curso de Educação Física de 1996/2 a 2000/2, depois fiz pós-

¹ Grêmio Football Portoalegrense.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

graduação em Fisiologia do Exercício em 2001. Sempre trabalhando com o futebol, paralelamente, era técnico das categorias de base, fui indo desde os pequeninhos, e à medida que eu já estava perto de me formar, eu já estava nos juvenis e sempre pelo Grêmio, foi onde eu fiz a minha carreira profissional. Determinado momento, depois de me formar, eu saí do Grêmio, eu fui para o interior, experimentei outras cidades, outras experiências, e em 2005 eu retornei para o Grêmio no futebol profissional. Foi quando a minha carreira deu uma alavancada.

N.B. – E quais momentos e eventos da tua vida esportiva tu gostaria de destacar?

R.V. – Ah! A maior representação é nos Jogos Olímpicos em 2012³. Um professor de Educação Física, uma pessoa que viveu do esporte o dia que entrei, até me emociono, o dia que eu entrei na Vila Olímpica foi sensacional, para que tu paga tudo aquilo que o esporte te deu. A tua família fica vibrando. Ainda tenho a credencial Olímpica que tu recebe, que está aqui em casa junto com as outras coisas, isso não tem preço, sabe foi realmente a maior representação esportiva que eu já participei, os Jogos Olímpicos.

N.B. – Teve alguma dificuldade a tua carreira estando fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo?

R.V. – Olha, dificuldade de estar fora do centro do país... Assim, o lugar onde o esporte tem tudo é Rio de Janeiro e São Paulo... Realmente te trás um pouco mais de dificuldade, mas ao mesmo tempo te deixa mais forte, porque tu passa por outras coisas que o pessoal de lá não passa, então, campeonatos mais difíceis, viagens mais longas, dificuldade de não estar sempre sendo lembrado, porque tu está no extremo sul e isso te deixa mais forte, e deixa mais preparado. Eu acho que o gaúcho tem isso, ele tem uma coisa que ele trabalha para conquistar as coisas e foi isso que eu fiz.

N.B. – Como foi a tua formação para ser analista de desempenho? Tu fez alguma coisa específica para desempenhar esse trabalho?

³ Realizados em Londres.

R.V. – Essa pergunta é difícil. Bom eu sempre fui técnico na categoria de base. Para tu conseguir uma oportunidade melhor no futebol foi difícil.. Você conseguir, ser muito novo, técnico de um time grande, então, eu fui me especializando, fui ser auxiliar técnico. Quando eu estava de auxiliar técnico do profissional eu precisava ter um algo mais que me diferenciasse dos outros profissionais, para eles não escolherem profissionais mais experientes que eu, então eu comecei a estudar a parte de análise de jogo, eu tive um tutor que foi o professor Cícero⁴ aqui da Universidade, que é o meu orientador sem ser oficial; meu orientador na Universidade foi o professor Moraes⁵, mas ele já tinha se aposentado, tinha saído daqui. Então na questão da análise de jogo o professor Cícero me alimentou dos estudos dele, da tese dele doutorado. Fui estudando, fui estudando, fui me aprimorando e foi criado esse departamento dentro do Grêmio, hoje forma muitos profissionais passam ali, já existem cursos que formam para essa especialidade e ao longo do tempo eu fui ficando só como analista.

N.B. – E sobre o início da tua carreira, antes dos Jogos, tem mais alguma coisa que gostaria de destacar?

R.V. – Ah, eu acho que todas as competições escolares que a gente participa, tudo, qualquer coisa, jogos daqui da Universidade, eu me lembro dos jogos da Copa Unisinos, dos Interbarras⁶, a Copa da UFRGS, eu fracturei o pé duas vezes aqui, uma delas me tirou do futebol de vez, num jogo contra o curso de Direito [riso], perdi até umas disciplinas na faculdade por causa dessa fratura no tornozelo. Então, todas essas, qualquer coisa que eu tinha que competir foi importante no futebol e no esporte.

N.B. – Agora sobre a tua ida aos Jogos Olímpicos. Como foi a tua participação?

R.V. – Bom, então eu fui como comissão técnica, era o analista de desempenho da Seleção Brasileira na modalidade futebol. A gente foi para disputar um torneio que é um pouco diferente das outras modalidades, porque o futebol tem um tamanho muito grande perto das outras modalidades e ela tem que se inserir dentro das Olimpíadas como mais uma modalidade. Então ela é semi-profissional nas Olimpíadas, são três jogadores acima de

⁴ José Cícero Moraes.

⁵ Luiz Fernando Moraes.

vinte e três anos que podem representar tal país e todos os outros jogadores abaixo de vinte e três anos. Hoje já não significa muita coisa, porque os jogadores abaixo de vinte e três anos também são profissionais, mas o objetivo lá do Comitê Olímpico é sempre lançar jogadores; que aquilo ali seja um lugar que surja novos jogadores, e realmente aconteceu isso, porque a Seleção que representou o Brasil ela é base da Seleção principal hoje... Conhecemos toda a Inglaterra, o interior da Inglaterra, porque os jogos de futebol são em várias sedes, viajando de ônibus, que é uma coisa diferente para o futebol, dividindo o hotel com outras modalidades, que é uma coisa diferente para o futebol, que foi muito legal. Então tu chegava num hotel e tinha quatro times dentro do mesmo hotel, tu tinha que dividir a sala de refeição, a sala de jogos, as dependências do hotel. É surreal para um jogador como por exemplo, o Tiago Silva⁷, como o Pato⁸, como o Neymar⁹, que sempre tem o melhor hotel, sabe, então para os jogadores e para a comissão foi um... A gente faz parte de uma coisa muito maior que é o esporte. Eu entendi desse jeito, e a gente foi até a final e infelizmente não ganhamos, mas somos medalhistas de prata.

N.B. – Tu foi convidado para participar, convocado, como aconteceu?

R.V. – Quando o técnico Mano Menezes¹⁰ foi para a Seleção e eu fazia parte da comissão dele, fui junto, já estava decidido que a gente ia representar o Brasil nas Olimpíadas para preparar o time para a Copa do Mundo. Então já se sabia que a gente tinha esse desafio, e eu fui responsável por fazer a observação dos adversários do Brasil nas Olimpíadas. Eu viajei para vários lugares, fui pra um lugar muito diferente: Dinamarca, por exemplo, uma cidade chamada Haros onde foi feito o Lego¹¹. Ninguém nunca sabe onde é esse lugar. Eu fui lá observar o Campeonato Europeu que era os adversários que iam jogar contra a gente nas Olimpíadas, então, o negócio estava muito sério para a gente.

N.B. – E que experiências positivas tu considera mais importante para compartilhar com a gente?

⁶ Jogos Interbarras são competições entre as turmas de Educação Física da ESEF – UFRGS.

⁷ Thiago Emiliano da Silva de Souza.

⁸ Alexandre Rodrigues da Silva.

⁹ Neymar da Silva Santos Júnior.

¹⁰ Luíz Antônio Venker Menezes.

R.V. – Das Olimpíadas?

N.B. – É dos Jogos.

R.V. – Tem várias experiências. A primeira foi o dia que a gente foi na Vila Olímpica, a gente não fica na Vila porque joga em outras sedes, mas a gente passou lá para conhecer, para ficar o dia inteiro lá; os jogadores ficaram livres lá dentro para terem aquele espírito olímpico, esse dia foi sensacional, o dia da estréia, que é marcante e o dia que eu vi ao vivo a bandeja de medalha olímpica na minha frente. Não era minha, esse dia não foi positivo foi negativo, mas foi marcante.

N.B. – Tu foi só em 2012?

R.V. – Só em 2012.

N.B. – E sobre a participação no Jogos Olímpicos tem mais alguma coisa que gostaria de compartilhar?

R.V. – Deixa eu pensar. Acho que o real sentido do esporte, porque no futebol a gente não tem esse, não aflora esse sentido, de colaboração, de cooperação, não, é só competição, e nos Jogos Olímpicos o fato de tu estar dividindo hotel, de tu estar participando de uma coisa muito maior, passar ali está o corredor, está o remador, quando tu está na Vila Olímpica a gente conversa com um, conversa com outro, vem o jogador de vôlei de praia, tu percebe que tu faz parte de uma coisa muito maior. Acho que foi isso.

N.B. – E na tua carreira Pós-Jogos. Qual a repercussão dos Jogos Olímpicos na tua carreira?

R.V. – Bom, com os meus amigos foi sensacional, virei o ídolo dos caras [risos]. Vão lá no meu escritório para ver as coisas que eu guardo, a credencial; a medalha ainda não chegou, a medalha de prata para a comissão técnica ela não é dada na hora, eles mandam fazer

¹¹ Brinquedo de montar conhecido mundialmente.

réplicas e a CBF¹² ainda não entregou para a gente, mas é de mais, um negócio que fica para sempre.

N.B. – E tu acha que a tua participação tem algum significado para o esporte em geral e no Rio Grande do Sul?

R.V. – Eu nunca esperei que eu fizesse alguma coisa diferente para o esporte e não é isso que eu busco, agora eu sei que eu dei a minha contribuição para o Brasil representar bem, acho que a gente representou, e foi isso, nunca pensei nisso assim. Para o meu Estado e para os meus pais, para minha família foi um motivo de orgulho.

N.B. – E tu não está atuando no Rio Grande do Sul agora?

R.V. – Não, eu trabalho no Rio de Janeiro, trabalho no Flamengo desde 2012, depois que eu saí da Seleção eu fui direto para o Flamengo e vou para o segundo ano lá no Rio de Janeiro.

N.B. – E já pensou em retornar ao Rio Grande do Sul para atuar aqui?

R.V. – Toda hora [riso]. Todos os dias eu quero voltar. Somando assim que eu saí. Estou cinco anos fora já, então já é bastante tempo e pretendo mais uns dois anos estar de volta.

N.B. – Então pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema?

R.V. – Acho que no geral os gaúchos sempre representam bem o país, são pessoas que são competitivas, são responsáveis, comprometidas com o esporte e um número grande que participam relatam isso, acho que é por aí.

N.B. – Mais alguma coisa que a gente não perguntou e gostaria de falar?

¹² Confederação Brasileira de Futebol.

R.V. – Não. Eu quero só agradecer a lembrança, agradecer o Vili¹³ por lembrar que a gente participou e ficar registrado isso é muito legal..

N.B. – A gente que agradece a tua disponibilidade, sabemos o quanto é difícil ter esse tempinho, e é exatamente esse tipo de participação diferente que a gente busca para enriquecer a nossa pesquisa.

R.V. – Acho que tem uma coisa muito legal de compartilhar com as outras pessoas. A gente participa de competições estudantis, nacionais, não tem uma dimensão, os Jogos Olímpicos tu sai do hotel tu é revistado, tem uma exigência de segurança fora do comum, então, tu é totalmente monitorado por questões de seguranças internacionais, então, os assessores, a responsabilidade que tu tem como comissão técnica, com os teus atletas é uma coisa muito diferente, muito diferente, primeiramente chocante, e depois tu acostuma, mas é a maior representação, não tenho dúvida.

N.B – Então, em nome do Centro de Memória do Esporte, a gente agradece, muito obrigada.

R.V. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹³ Vili Tissot.